



Súmulas, de forma restrita ao universo jurídico são resumos de decisões judiciais, elaboradas pelos tribunais para orientar a interpretação das leis em casos semelhantes. Elas proporcionam uma síntese dos pontos relevantes das decisões e ajudam na compreensão do entendimento dos tribunais sobre determinado assunto. A razão de empregar esse termo para descrever as listas desse estudo é para que observemos mais do que um simples conjunto de informações, mas resumos declarativos que nos auxiliam na compreensão dos evangelhos. A lista proporciona a localização do fato, ajuda na compreensão panorâmica e contribuiu para a aproximação da leitura do evangelho, além de ajudar na memorização de elementos importantes para a compreensão do texto.

## I – CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

Jesus nasceu, viveu e morreu como qualquer homem, mas era ele um homem qualquer? É importante estudar a biografia de Jesus, observando sua jornada humana, mas é igualmente importante perceber que ele não era um homem qualquer.

[Jesus foi certamente mais do que homem, mas evidentemente não foi menos que humano.]

A vida humana tem começo, meio e fim. Jesus foi humano e por isso sua vida pode ser descrita numa cronologia dos fatos, no entanto, Jesus foi o Messias, e sua vida foi diferente dos demais. O Messias foi profetizado e esperado e sua função messiânica não terminou na morte, sendo ele ressurreto. Portanto, a cronologia de Jesus inicia antes do nascimento e não termina na morte, sendo ele único entre todos os seres humanos que viveu na terra.

### *Fatos cronológicos da vida de Jesus*

1	Prenúncios sobre seu nascimento	Lc 1.17
2	Nascimento	Mt 1.18
3	Circuncisão	Lc 2.21
4	Consagração do primogênito	Lc 2.22-24
5	Visita dos magos	Mt 2.1-12
6	Fuga para o Egito	Mt 2.13-20
7	Retorno a Nazaré	Mt 2.21-23
8	Dedicação da maioridade	Lc 2.41-51
9	Batismo	Mt 3.13-17
10	Tentação no deserto	Mt 4.1-11
11	Convocação dos discípulos	Jo 1.35-51
12	Mudança para Cafarnaum	Mt 4.13-16
13	Transfiguração	Mt 17.1-8
14	Conclusão do ministério	Mt 21.1-11
15	Celebração da última páscoa	Mt 26.17-30
16	Prisão e condenação	Mt 26.5-27.23
17	Morte por crucificação	Mt 27.33-50
18	Ressurreição	Mt 28.1-7
19	Aparição	Lc 24.13-48
20	Ascensão	Lc 24.50-53

## II – OS DISCURSOS DE JESUS

Jesus teve discípulos que se tornaram apóstolos e discípulos que o seguiram em ocasiões, mas como todo aquele que ensina, teve também inimigos.

[Jesus ensinou como qualquer sábio ensinaria, mas não ensinou como um sábio qualquer.]

Era esperado que todos os mestres falassem, ensinassem e discursassem. Como qualquer sábio faria, Jesus falou de diversas formas. A forma de comunicar seu discurso era a mais comum de seu tempo. Embora Jesus fosse um sábio, ele não era um sábio qualquer. O que ele falou não poderia ser dito por qualquer mestre.

### Jesus falou:

- Falou com os discípulos na informalidade.
- Dialogou com pessoas comuns e poderosas.
- Entrou em embates e debates.
- Ensinou formalmente em sinagogas.
- Ensinou informalmente em encontros com a multidão.

### Jesus fez dos discípulos uma plateia permanente:

- Dialogou com pessoas na presença deles.
- Debateu com religiosos diante deles.
- Respondeu perguntas para que eles ouvissem.
- Discursou diante de situações que os envolveram.
- Discursou particularmente a eles.
- Discursou a um público que os envolviam.

### Discursos nos evangelhos:

- **Discursos indiretos.**

Os discursos indiretos são aqueles que o narrador diz o que a outra pessoa ou personagem falou. O locutor faz o discurso na terceira pessoa, mas sem transfigurar a voz para a personagem.

Exemplo: “Então, Ihes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo. Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.” (Mc 8.29-30)

- **Discursos diretos.**

Os discursos diretos são aqueles que o narrador reproduz exatamente a fala de outrem. P locutor transfigura a fala para a personagem.

Exemplo: “E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças...” (Mc 12.38)

### Os discursos selecionados: limitações da súmula

- Discursos diretos (Intenção do narrador).
- Onde há um tema intencional (Intenção da personagem).
- Situações provocadas por terceiros (Reações da personagem).
- Situações programadas (Planejamento intencional da personagem).
- Situações provocadas por terceiros (Qualificar a personagem [sabedoria]).
- Ocasões oportunas (Qualificar a personagem [Inteligência]).

## Quantidade de discursos: 28

- 14 Sinópticos
- 7 Exclusivos em Lucas
- 7 Exclusivos em João

### *Os discursos de Jesus*

1	Discurso messiânico e provocativo	Lc 4.16-28
2	Sermão do monte	Mt 5-7 / Lc 6.17-49; 12.22-34
3	Discurso da missão dos apóstolos	Mt 10.1-42 / Lc 12.4-12
4	Discurso em defesa de João Batista	Mt 11.7-19 / Lc 7.23-35
5	Discurso contra as cidades impenitentes	Mt 11.20-24 / Lc 10.13-16
6	Discurso sobre o jugo leve	Mt 11.25-30
7	Discurso sobre o reino dividido	Mt 12.22-37 / Mc 3.23-29 / Lc 11.17-28
8	Discurso da geração má	Mt 12.38-45 / Lc 11.29-36
9	Discurso por meio de parábolas	Mt 13.1-35 / Mc 4.1-34 / Lc 8.4-18; 13.18-21
10	Discurso sobre a renúncia	Mt 16.24-28 / Mc 8.32-9.1 / Lc 9.22-27
11	Discurso sobre a igreja e o reino dos céus	Mt 18.1-35 / Mc 9.33-50
12	Discurso sobre recompensa	Mt 19.27-20.16 / Mc 10.28-31
13	Discurso contra os sacerdotes e os anciãos	Mt 21.23-22.14 / Mc 11.27-12.11 / Lc 14.15-24; 20.9-18
14	Discurso contra os escribas e fariseus	Mt 23.1-39 / Mc 12.38-40 / Lc 11.39-53
15	Discurso no monte das oliveiras	24.3-25.46 / Mc 13.3-37 / Lc 12.35-59; 19.11-27; 21.5-36
16	Discurso de envio dos 70	Lc 10.1-20
17	Discurso sobre a humildade	Lc 14.7-14
18	Discurso sobre segui-lo	Lc 14.25-35
19	Discurso contra a murmuração dos judeus	Lc 15.1-17.10
20	Discurso sobre a vinda do reino de Deus	Lc 17.20-18.8
21	Discurso contra a autoconfiança	Lc 18.9-14
22	Discurso a favor do filho de Deus	Jo 5.16-47
23	Discurso sobre o pão que desceu do céu	Jo 6.35-59
24	Discurso sobre o bom pastor	Jo 10.1-21
25	Discurso sobre a glória do cristo	Jo 12.42-50
26	Discurso na Páscoa sobre o exemplo de servo	Jo 13.12-20
27	Discurso na Páscoa sobre a glória do filho	Jo 13.31-35
28	Discurso sobre as últimas instruções aos discípulos	Jo 15.1-17.26

## III – OS MILAGRES DE JESUS

De forma geral, milagres são eventos sobrenaturais e extraordinários que são percebidos como inexplicáveis pela ciência ou pela compreensão humana comum. São vistos como intervenções divinas que desafiam as leis naturais e resultam em mudanças dramáticas nas circunstâncias ou condições das pessoas, objetos ou situações envolvidas.

De forma objetiva, milagres são sinais. A afirmação apresentada ajuda a simplificar e delimitar a questão sobre o significado de milagres. Deus controla tudo no mundo dos homens e age por meio das coisas naturais e sobrenaturais. Mas nas Escrituras, especialmente na vida de Jesus, os sinais foram dados para ressaltá-lo como o legítimo filho de Deus enviado ao mundo.

## Os milagres realizados por Jesus são:

- Sinais messiânicos.
- Manifestações divinas.
- Demonstração de poder sobre a natureza.

## O propósito:

- Dar testemunhos de que ele era o messias esperado.
- Dar testemunhos de que ele era o autêntico Filho de Deus.

Exemplo: “Quando os homens chegaram junto dele, disseram: João Batista enviou-nos para te perguntar: És tu aquele que estava para vir ou esperamos outro? Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então, Jesus lhes respondeu: Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.” (Lc 7.20-23)

Exemplo: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. (Jo 20.30-31)

<i>As menções de milagres em ordem cronológica</i>		
1	O nascimento através de uma virgem	Mt 1.18-25/ Lc 1.26-42
2	A primeira voz que veio do céu	Mt 3.16-17 / Mc 1.10-11 / Lc 3.21-22
3	Água transformada em vinho em Caná	Jo 2.1-11
4	Primeira pesca milagrosa	Mt 4.18-22/ Mc 1.16-20/ Lc 5.11-11
5	Expulsão do demônio na sinagoga em Cafarnaum	Mc 1.21-28 / Lc 4.31-37
6	Cura do leproso no pé do monte	Mt 8.1-4 / Mc 1.40-45 / Lc 5.12-14
7	Cura do servo do Centurião	Mt 8.5-13 / Lc 7.1-10
8	Cura da sogra de Pedro	Mt 8.14-1 / Mc 1.29-31/ Lc 4.38-39
9	Sessão de milagres em Cafarnaum	Mt 8.16-17 / Mc 1.32-34/ Lc 4.40-41
10	Ressurreição do filho da viúva em Nain	Lc 7.11-17
11	Cura do filho do oficial em Caná	Jo 4.46-54
12	Acalma uma tempestade no mar	Mt 8.23-27 / Mc 4.35-41/ Lc 8.22-25
13	Expulsão do demônio do Gadareno	Mt 8.28-34 / Mc 5.1-20/ Lc 8.26-39
14	Cura do paralítico que foi descido pelo telhado	Mt 9.1-8 / Mc 2.1-12/ Lc 5.17-26
15	Cura da mulher com fluxo de sangue	Mt 9.20-22 / Mc 5.24-34/ Lc 8.43-48
16	Ressurreição da filha de Jairo	Mt 9.18-26 / Mc 5.21-43/ Lc 8.40-56
17	Cura de dois cegos na Galileia	Mt 9.27-31
18	Expulsão do demônio do mudo	Mt 9.32-34
19	Cura do paralítico em Betesda	Jo 5.1-18
20	Cura do homem com a mão ressequida	Mt 12.9-21/ Mc 3.1-6/ Lc 6.6-11
21	Expulsão do demônio do homem cego e mudo	Mt 12.22-24 / Mc 3.20-22 / Lc 11.14-16
22	Cura da mulher enferma (encurvada) há 18 anos	Lc 13.10-13
23	Cura de vários enfermos da multidão	Mt 14.13-14 / Mc 6.34/ Lc 9.11 / Jo 6.2
24	Multiplicação dos pães e peixes [5000 homens]	Mt 14.15-20 / Mc 6.31-44 / Lc 9.12-17 / Jo 6.5-15
25	Andou sobre as águas	Mt 14.22-33 / Mc 6.45-52 / Jo 6.16-21
26	Cura dos que tocaram nele em Genesaré	Mt 14.34-36 / Mc 6.53-56
27	Expulsão do demônio da mulher Cananéia	Mt 15.21-28 / Mc 7.24-30
28	Cura do surdo e gago em Decapolis	Mc 7.31-37
29	Cura de enfermos no monte na Galiléia	Mt 15.29-31
30	Multiplicação dos pães e peixes (4000 homens)	Mt 15.32-39 / Mc 8.1-13
31	Cura do cego em Betsaida com o cuspe	Mc 8.22-26

32	Transfiguração	Mt 17.1-13 / Mc 9.2-13 / Lc 9.28-36
33	A segunda voz que veio do céu	Mt 17.5-6 / Mc 9.7 / Lc 9.34-36
34	Expulsão do demônio do menino epilético	Mt 17.14-21 / Mc 9.14-29 / Lc 9.37-43
35	Moeda na boca do peixe	Mt 17.24-27
36	Cura do homem com hidropisia	Lc 14.1-6
37	Cura dos dez leprosos	Lc 17.11-19
38	Cura do cego na saída do templo com a lama	Jo 9.1-34
39	Cura dos cegos em Jericó (Bartimeu)	Mt 20.29-34 / Mc 10.46-52 / Lc 18.35-43
40	Amaldiçoa a figueira	Mt 21.18-22 / Mc 11.12-14; 20-26
41	Ressurreição de Lázaro	Jo 11.1-44
42	Cura a orelha do servo do sumo sacerdote	Mt 26.50-56 / Mc 14.46-49 / Lc 22.49-51 / Jo 18.10-11
43	Terremoto na ocasião da morte de Jesus	Mt 27.51-54 / Mc 15.33-38 / Lc 23.44-45
44	Ressurreição de mortos pela ocasião da morte de Jesus	Mt 27.52-53
45	Ressurreição	Mt 28.17-20 / Mc 16.14-18 / Lc 24.36-49 / Jo 20.19-23
46	Segunda pesca milagrosa	Jo 21.1-14
47	Ascensão	At 11.6-11

### Cura de enfermidades

<i>Cura de enfermidades</i>		
1	Cura do leproso no pé do monte	Mt 8.1-4 / Mc 1.40-45 / Lc 5.12-14
2	Cura do servo do Centurião	Mt 8.5-13 / Lc 7.1-10
3	Cura da sogra de Pedro	Mt 8.14-1 / Mc 1.29-31 / Lc 4.38-39
4	Sessão de milagres em Cafarnaum	Mt 8.16-17 / Mc 1.32-34 / Lc 4.40-41
5	Cura do filho do oficial em Caná	Jo 4.46-54
6	Cura do paralítico que foi descido pelo telhado	Mt 9.1-8 / Mc 2.1-12 / Lc 5.17-26
7	Cura da mulher com fluxo de sangue	Mt 9.20-22 / Mc 5.24-34 / Lc 8.43-48
8	Cura de dois cegos na Galileia	Mt 9.27-31
9	Cura do paralítico em Betesda	Jo 5.1-18
10	Cura do homem com a mão ressequida	Mt 12.9-21 / Mc 3.1-6 / Lc 6.6-11
11	Cura da mulher enferma (encurvada) há 18 anos	Lc 13.10-13
12	Cura de vários enfermos da multidão	Mt 14.13-14 / Mc 6.34 / Lc 9.11 / Jo 6.2
13	Cura dos que tocaram nele em Genesaré	Mt 14.34-36 / Mc 6.53-56
14	Cura do surdo e gago em Decapolis	Mc 7.31-37
15	Cura de enfermos no monte na Galiléia	Mt 15.29-31
16	Cura do cego em Betsaida com o cuspe	Mc 8.22-26
17	Cura do homem com hidropisia	Lc 14.1-6
18	Cura dos dez leprosos	Lc 17.11-19
19	Cura do cego na saída do templo com a lama	Jo 9.1-34
20	Cura dos cegos em Jericó (Bartimeu)	Mt 20.29-34 / Mc 10.46-52 / Lc 18.35-43
21	Cura a orelha do servo do sumo sacerdote	Mt 26.50-56 / Mc 14.46-49 / Lc 22.49-51 / Jo 18.10-11

<i>Expulsão de demônios</i>		
1	Expulsão do demônio na sinagoga em Cafarnaum	Mc 1.21-28 / Lc 4.31-37
2	Sessão de milagres em Cafarnaum	Mt 8.16-17 / Mc 1.32-34 / Lc 4.40-41
3	Expulsão do demônio do Gadareno	Mt 8.28-34 / Mc 5.1-20 / Lc 8.26-39
4	Expulsão do demônio do mudo	Mt 9.32-34
5	Expulsão do demônio do homem cego e mudo	Mt 12.22-24 / Mc 3.20-22 / Lc 11.14-16
6	Expulsão do demônio da mulher Cananéia	Mt 15.21-28 / Mc 7.24-30
7	Expulsão do demônio do menino epilético	Mt 17.14-21 / Mc 9.14-29 / Lc 9.37-43

<i>Ações que ferem a lógica da natureza</i>		
1	Água transformada em vinho em Caná	Jo 2.1-11
2	Primeira pesca milagrosa	Mt 4.18-22/ Mc 1.16-20/ Lc 5.11-11
3	Acalma uma tempestade no mar	Mt 8.23-27 / Mc 4.35-41/ Lc 8.22-25
4	Multiplicação dos pães e peixes [5000 homens]	Mt 14.15-20 / Mc 6.31-44 / Lc 9.12-17 / Jo 6.5-15
5	Andou sobre as águas	Mt 14.22-33 / Mc 6.45-52 / Jo 6.16-21
6	Multiplicação dos pães e peixes (4000 homens)	Mt 15.32-39 / Mc 8.1-13
7	Moeda na boca do peixe	Mt 17.24-27
8	Amaldiçoa a figueira	Mt 21.18-22 / Mc 11.12-14; 20-26
9	Segunda pesca milagrosa	Jo 21.1-14

<i>Ressurreições</i>		
1	Ressurreição do filho da viúva em Nain	Lc 7.11-17
2	Ressurreição da filha de Jairo	Mt 9.18-26 / Mc 5.21-43/ Lc 8.40-56
3	Ressurreição de Lázaro	Jo 11.1-44
4	Ressurreição de mortos pela ocasião da morte de Jesus	Mt 27.52-53
5	Ressurreição	Mt 28.17-20 / Mc 16.14-18 / Lc 24.36-49 / Jo 20.19-23

<i>Testemunhos sobre Jesus</i>		
1	O nascimento através de uma virgem	Mt 1.18-25/ Lc 1.26-42
2	A primeira voz que veio do céu	Mt 3.16-17 / Mc 1.10-11 / Lc 3.21-22
3	Transfiguração	Mt 17.1-13 / Mc 9.2-13 / Lc 9.28-36
4	A segunda voz que veio do céu	Mt 17.5-6 / Mc 9.7 / Lc 9.34-36
5	Terremoto na ocasião da morte de Jesus	Mt 27.51-54 / Mc 15.33-38 / Lc 23.44-45
6	Ressurreição de mortos pela ocasião da morte de Jesus	Mt 27.52-53
7	Ressurreição	Mt 28.17-20 / Mc 16.14-18 / Lc 24.36-49 / Jo 20.19-23
8	Ascensão	At 11.6-11

## IV – AS PARÁBOLAS DE JESUS

O ensino de Jesus foi impactante, surpreendente e admirável. Suas palavras e ações tiveram um grande impacto na história, influenciando não somente a religião, mas também a filosofia, a ética e a cultura no ocidente. Em seus discursos, Jesus explicou a Lei de Deus com profundidade, refutou interpretações equivocadas, se posicionou em relação a temas éticos, respondeu com confiança a perguntas inquisidoras e discorreu sobre temas profundos relacionados à sociedade, à compreensão de Deus e aos valores éticos e morais.

Embora o conteúdo do ensino de Jesus seja notável por sua profundidade e relevância até os dias de hoje, também é importante destacar a forma como ele transmitia suas ideias. Jesus usava diversos recursos de linguagem figurada, expressando-se com grande habilidade poética e usando uma linguagem cheia de ritmo e sonoridade, que remetia à tradição poética hebraica. Esse estilo de ensino tornava suas palavras mais memoráveis e impactantes, mas ao mesmo tempo dava a ele o controle sobre a compreensão dos ouvintes, podendo tornar suas mensagens mais acessíveis ou extremamente complexas e dependentes de explicações, de acordo com o seu interesse diante do público específico.

Na antiguidade, especialmente na cultura dos hebreus, contar histórias para responder questões da vida era muito comum. Alguém poderia perguntar algo a um sábio e ele responderia “deixe-

me contar uma história”. Jesus fez uso desse recurso diversas vezes, até mesmo respondeu sobre uma parábola contando outra parábola.

[“Então, Pedro perguntou: Senhor, proferes esta parábola para nós ou também para todos? Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?” – **Lc 12.41-42**]

### A natureza das parábolas:

“Parábola” significa algo que é colocado ao lado para uma comparação. O verbete provém da palavra grega “*parabolê*”, uma palavra composta pela preposição “*para*”, que pode ser entendido como “ao lado”, e o verbo “*bolê/bolein*”, “jogar ou atirar”.

A parábola é uma narração alegórica, uma prosa de cunho metafórico que realça eventos que servem de comparação para evidenciar uma lição moral indireta, acentuar um ensino comum ou destacar alguma verdade importante. A história (estória) é contada para fazer uma comparação ilustrativa ou comparativa com a verdade ensinada.

As parábolas são ferramentas textuais e discursivas que usam figuras de linguagem para estabelecer comparações entre algo concreto e algo abstrato. Jesus iniciou várias de suas parábolas dizendo: “O Reino dos céus é semelhante...”, com a intenção de prover uma explicação sobre o Reino, que era abstrato, comparando-o com um conceito concreto.

[“ é semelhante a um grão de mostarda...” – **Mt.13.31**]

[“é semelhante a um homem que semeou boa semente...” **Mt 13.34**]

[“é semelhante a uma rede que, lançada ao mar...” – **Mt 13.47**]

A parábola é uma narrativa inventada, entretanto, não se limita a essa natureza, um acontecimento histórico também pode servir de parábola, mas em nenhum caso tem a intenção ou a necessidade de validar o fato. O intérprete do texto deve se concentrar no que ela representa no discurso, e não na discussão de como a história aconteceu.

[“Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país.” – **Mt 21.33**]

As parábolas, como figuras de estilo, eram sempre protagonizadas por personagens humanos, por isso não podem ser confundidas com a fábula, que são composições literárias em que os personagens são animais que apresentam características humanas, ou confundidas com o apólogo, que é uma narrativa que utiliza seres inanimados que assumem características humanas. A história nem sempre é narrada de forma completa, algumas vezes a citação parabólica necessita da imaginação do ouvinte para ter um sentido narrativo.

[“Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo tira parte da veste, e fica maior a rotura. Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam.” – **Mt 9.16-17**]

- Parábola é uma história que ilustra uma verdade ou ensinamento.
- Parábola é uma prosa alegórica que utiliza algo concreto para transmitir um ensino abstrato.
- Parábola é uma figura de linguagem que faz comparações entre o concreto e o abstrato.
- Parábola é um recurso artístico utilizado pelo autor para enriquecer o discurso.
- Parábola são histórias que não podem ser confundidas com as fábulas e os apólogos.

## A razão das parábolas.

A utilização de parábolas em discursos tem como primeira razão a aplicação de criatividade e vivacidade aos conceitos que se deseja ensinar. As parábolas conferem profundidade e dinamismo, tornando as lições mais vívidas e aplicáveis aos ouvintes. Jesus discursou diversas vezes e fez regularmente uso desse recurso que conhecia bem.

A segunda razão para se utilizar parábolas é a simplificação do discurso. Ensinar algo complexo pode ser difícil para uma plateia com uma cultura menor do que a exigida pelo discurso, portanto as parábolas podem aproximar o conceito abstrato da realidade do ouvinte.

[“Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo.” – **Mt 13.34-35**]

A terceira razão para se utilizar parábolas é para ampliar a profundidade da compreensão do discurso. Quando o orador propõe um ensino elevado para sua plateia e utiliza uma parábola para fazer uma comparação, a história pode exigir uma alta compreensão, ampliando a complexidade do discurso. Nesse caso, o ouvinte precisa interpretar tanto a história quanto o conceito abstrato, a fim de compreender a mensagem de forma mais profunda. Embora possa parecer estranho para um leitor superficial da bíblia, Jesus utilizou parábolas com essa finalidade.

[“Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas. Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles. Então, lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?” – **Mc 4.10-13**]

- Parábolas enriquecem e dão vida a um ensino.
- Parábolas simplificam e aproximam os ouvintes.
- Parábolas complicam o entendimento e labirintam a interpretação.

## A leitura das parábolas

A interpretação das parábolas de Jesus é alvo de controvérsias teológicas, pois a parábola não pode ser lida isoladamente do objeto de ensino. É necessário considerar o contexto narrativo e o discurso em andamento para compreendê-la adequadamente. O narrador geralmente posiciona o leitor para a leitura da parábola, informando o tema, a razão e o grupo específico de pessoas a que se dirige.

[“E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles. Então, lhes propôs Jesus esta parábola:” – **Lc 15.2-3**]

[“Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer:” – **Lc 18.1**]

Se a parábola é uma narrativa a ser comparada, não pode ser lida desvinculada do objeto de ensino, mas deve ser entendida dentro da realidade do autor e seus ouvintes, considerando o sentido histórico, cultural e os costumes da época em que foi criada. Nem sempre as histórias narradas terão uma conexão direta com a realidade atual.

[“Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo.” – **Mt 25.1**]

Se a parábola é uma narrativa a ser comparada, há sempre um ponto central nessa comparação. Todos os elementos da história, incluindo personagens, trama, diálogos, detalhes e desfecho, devem contribuir para responder à pergunta: "Por que essa parábola está sendo contada?". Essa resposta é o foco principal do ensino presente na parábola.

[“Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.” – **Mt 18.21-23**]

Se a parábola é uma história (estória) criada para comparação e cheia de analogias, então ela é um prato cheio para interpretações alegóricas. Não devemos buscar significados isolados do ensino principal ou significados nas entrelinhas da narrativa. Um dos pais da interpretação alegórica, Orígenes de Alexandria, um teólogo neoplatônico do terceiro século, propôs uma interpretação sobre a parábola do bom samaritano que é um exemplo do que não fazer na leitura de uma parábola.

[Para Orígenes, o homem caído representa o Adão; Jerusalém é o paraíso e Jericó é o mundo; os ladrões são potências hostis; o sacerdote é a Lei; o levita são os profetas e o samaritano representa Cristo; as feridas são as desobediências; o burro representa o corpo de Jesus; a hospedaria é a Igreja; os dois denários significam o Pai e o Filho; o dono da pensão é o chefe da Igreja, a quem seu cuidado foi confiado; e o fato de o samaritano prometer que vai retornar representa a segunda vinda do Salvador.]

Se a parábola é uma história que ilustra algo dentro da narrativa, não há títulos. A maioria, se não a totalidade das bíblias comercializadas vêm divididas em trechos e com títulos. Não podemos nos esquecer que esses títulos não pertencem ao texto original. Os títulos dados às parábolas induzem o leitor desatento a uma interpretação maculada do sentido natural.

[A parábola da ovelha perdida - **Lc 15.3-7**]

V3 “Qual dentre vós é o homem que...”

[A parábola do bom samaritano - **Lc 10.30-37**]

V30 “certo homem descia de Jerusalém...”

[A parábola do filho pródigo - **Lc 15.11-32**]

V11 “Certo homem tinha dois filhos...”

- Observe o posicionamento do narrador sobre o tema.
- Observe a cultura e os costumes do autor e dos ouvintes.
- Observe a razão para contar a parábola.
- Observe o foco do ponto principal do ensino comparado.
- Preste atenção aos detalhes, mas fuja da interpretação alegórica.
- Tome cuidado com a influência dos títulos.

### *As parábolas de Jesus*

1	As ações dos homens (sal e luz)	Mt 5.14-15
2	O remendo e vinho em coisas novas	Mt 9.16-17/ Mc 2.21-22 / Lc 5.36-39
3	Os construtores sábios e tolos	Mt 7.24-27/ Lc 6.47-49
4	O credor e o perdão das dívidas desiguais	Lc 7.41-43

5	A casa dividida	Mc 3.23-27
6	O poder da luz (luz no velador)	Mc 4.21-22/ Lc 8.16; 11.33
7	O homem rico e ganancioso (celeiros)	Lc 12.16-21
8	O servo vigilante	Lc 12.35-40
9	O mordomo fiel	Lc 12.42-48
10	A figueira que não dá frutos	Lc 13.6-9
11	O semeador e os tipos de solo	Mt 13.3-23 / Mc 4.3-20 / Lc 8.5-15
12	O trigo e o joio	Mt 13.24-30,36-43
13	A semente que cresce	Mc 4.26-29
14	A semente de mostarda	Mt 13.31-32/ Mc 4.30-32 / Lc 13.18-19
15	O fermento e a levedura	Mt 13.33/ Lc 13.20-21
16	O tesouro escondido	Mt 13.44
17	A pérola valiosa	Mt 13.45-46
18	A rede de pesca	Mt 13.47-50
19	O pai de família	Mt 13.52
20	A planta que o pai não plantou	Mt 15.13
21	Os cegos que guiam cegos	Mt 15.14
22	O pastor que tinha 100 ovelhas	Mt 18.12-14
23	O pastor no aprisco das ovelhas	Jo 10.1-5,7-18
24	O servo que faz o que deve	Lc 17.7-10
25	O credor incompassivo	Mt 18. 23-34
26	O próximo (bom Samaritano)	Lc 10.30-37
27	O amigo importuno	Lc 11.5-8
28	A honra de convidados numa festa	Lc 14.7-14
29	O homem que convidou para o banquete	Lc 14.16-24
30	O homem construtor da torre	Lc 14.26-30
31	O rei que vai a guerra	Lc 14.31-33
32	O pastor que tinha 100 ovelhas	Lc 15.4-7
33	A mulher que tinha 10 dracmas	Lc 15.8-10
34	O pai que tinha dois filhos	Lc 15.11-32
35	O mordomo infiel	Lc 16.1-8
36	O rico e Lázaro	Lc 16.19-31
37	Os trabalhadores na vinha	Mt 20.1-16
38	A viúva persistente e juiz iníquo	Lc 18.2-8
39	O fariseu e o publicano	Lc 18.10-14
40	As dez minas	Lc 19.12-27
41	Os dois filhos e a obediência	Mt 21.28-32
42	Os lavradores maus	Mt 21.33-44 / Mc 12.1-11/ Lc 20.9-18
43	O banquete de casamento	Mt 22.2-14
44	A figueira	Mt 24.32-35/ Mc 13.28-29 / Lc 21.29-31
45	Os servos sábios e tolos	Mt 24.45-51
46	As dez virgens	Mt 25.1-13
47	O servo vigilante	Mc 13.34-37
48	Os talentos	Mt 25.14-30
49	A separação das ovelhas e bodes	Mt 25.31-46

## V – OS EMBATES COM OS RELIGIOSOS

O ministério terreno de Jesus foi marcado pela antítese da teologia judaica de seu tempo e pelo contrassenso das normas culturais predominantes de sua época. Não creio que seja correto afirmar que Jesus tinha a intenção de escandalizar com seu ensino, e sim que não fez esforço para evitar a ofensa. Ele tinha ciência de que suscitar o atrito entre o que ensinava e a crença comum era inexorável.

[“Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? Mas Jesus, sabendo por si mesmo que eles murmuravam a respeito de suas palavras, interpelou-os: Isto vos escandaliza?” - Jo 6.60-61]

Durante o seu ministério, Jesus embateu com muitas ideias seculares, oriundas das influências romanas e gregas. Não seria difícil confundi-lo com um filósofo grego de aspecto socrático. Durante o seu ministério, Jesus confrontou muitas ideias seculares, influenciadas pelo pensamento romano e pela cultura grega. Não seria difícil encontrar semelhanças que o confundiria com um filósofo grego de contextura socrática. De fato, existem muitas semelhanças nos aspectos comportamentais entre Sócrates, o principal filósofo grego, e Jesus. Ambos adotaram um estilo de vida simples e humilde, desafiando as normas culturais e filosóficas predominantes de suas respectivas épocas; surgiram de famílias pobres e sem acesso aos recursos da elite cultural. Não receberam uma educação formal e desafiaram os sentidos preeminentes da elite intelectual. Atuaram no centro da principal cidade do pensamento que combateram, Atenas e Jerusalém, respectivamente. Apesar de seus objetivos distintos, ambos atraíram discípulos que foram ensinados informalmente enquanto caminhavam juntos. Foram traídos por seus admiradores; confundidos pelo povo como líderes políticos; condenados e mortos por suas crenças; e tornaram-se figuras históricas que inspiram a reflexão sobre o papel da filosofia e da religião na sociedade.

[“Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este, letras, sem ter estudado? Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.” – Jo 7.15-16]

Muitas pessoas foram atraídas pelo ensinamento e ações de Jesus, o que fez dele um grande líder popular. Uma multidão o seguia por onde quer que ele fosse, embora a motivação principal de muitos fosse receber algum tipo de benefício. Jesus curava os enfermos, alimentava os necessitados e ensinava profundamente sobre uma ampla gama de assuntos. Essas ações muitas vezes levaram seus seguidores a confundi-lo com um líder político, como um rei-filósofo na mais elevada ideia platônica. No entanto, as intenções de Jesus eram muito diferentes e se concentravam em um reino muito mais elevado e espiritual.

[“Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte.” – Jo 6.14-15]

Jesus empregou recursos de oratória que eram comuns aos debatedores gregos e romanos de sua época. Ele usou técnicas dialéticas, ironia e retórica para testificar a veracidade em seus discursos e defender seus argumentos. Aqueles que o ouviram com sinceridade não puderam negar a sua mensagem, e aqueles que a compreenderam com profundidade não puderam abandoná-lo. Sua habilidade como orador impactou todos os ouvintes, sua sabedoria como mestre trouxe luz aos seus alunos e seu testemunho como o Messias trouxe salvação aos famintos de coração.

[“Então, perguntou Jesus aos doze: Porventura, quereis também vós outros retirar-vos? Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos? Tu tens as

palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus.” – Jo 6.67-69]

### O progresso dos embates com os judeus.

Apesar da amplitude do ensino de Jesus, foi na relação com os líderes religiosos do judaísmo que seus debates mais se intensificaram. Os evangelistas registram diversas ocasiões em que Jesus desafiou a tradição judaica com o seu ensino, gerando grandes controvérsias entre os religiosos de sua época. A postura de Jesus diante dos debates com os judeus acabou por ter consequências trágicas do ponto de vista humano, culminando em sua morte.

Embora fosse uma colônia romana, havia um estado judaico organizado pelos judeus e as leis da religião dominante. Para manter-se no poder, a liderança organizada preocupava-se em controlar todos aqueles que ensinavam publicamente ou representasse uma ameaça.

[“Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo.

Então, ele respondeu: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.” - Jo 1.19-20; 23]

O ensino contrário ao que criam os judeus, principalmente quando feria o ensino dos doutores da lei, era considerado uma ameaça e provocava um tipo de ciúme nessa organização e despertava, não apenas o interesse em controlar, mas também em calar a voz contrária com força policial.

[“Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos), deixou a Judeia, retirando-se outra vez para a Galileia.” - Jo 4.1-3]

Algumas vezes, a reprovação partia dos próprios ouvintes que mantinham a crença na tradição judaica e rejeitavam o ensino de Jesus. A reação poderia ser apenas murmúrio, gesto ou comunicação não verbal para demonstrar a desaprovação e incomodo.

[“Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?” - Mt 15.12]

Devido a conversão de vários judeus pertencente ao partido dos fariseus, os discípulos ficaram sabendo que os assuntos ensinados por Jesus provocavam debates internos sobre o que ouviam.

[“Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu.” - Jo 6.41]

[Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como pode este dar-nos a comer a sua própria carne? - Jo 6.52]

A aceitação de Jesus por um grande número considerável de discípulos e a aprovação popular fizeram com que os líderes religiosos agissem com certa cautela. Sua primeira tentativa foi desmoralizá-lo perante o público, procurando encontrar alguma contradição em seu ensinamento.

[“E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?” – Mt 22.16-18]

Não conseguindo desmoralizar Jesus em seus ensinamentos, percebendo que as armas intelectuais dos Judeus não tinham efeitos com os seus ouvintes, a solução encontrada foi a de ameaçar e expulsar da sinagoga aqueles que acreditavam em Jesus.

[“(cura do cego) Isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga.” - **Jo 9.22**]

A tentativa dos líderes religiosos não era apenas de desmoralizar Jesus perante o público, mas também de evitar que pessoas importantes e influentes na sociedade fossem persuadidas a segui-lo. Eles temiam que, se isso acontecesse, o cristianismo se tornaria uma crença poderosa o suficiente para desafiar o status quo e ameaçar seu domínio.

[“Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga...” - **Jo 12.42**]

[“Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus? Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita...

...Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes: Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?” **Jo 7.48-51**]

Não podendo conter o povo e as autoridades de acreditarem em Jesus, a forma mais hostil de silenciá-lo seria ameaçando-o diretamente. Em várias ocasiões, a raiva dos líderes religiosos judeus contra Jesus foi manifestada com ameaças físicas.

[“Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.” – **Jo 10.31-33**]

A ameaça física contra Jesus se intensificou de tal maneira em alguns momentos, que ele decidiu se afastar por saber que seria morto se insistisse na confrontação com os judeus.

[“Desde aquele dia, resolveram matá-lo. De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos.” - **Jo 11.53-54**]

As autoridades judaicas não podiam assassinar Jesus abertamente, já que isso não seria aceitável para a crença judaica. Por isso, a tentativa subsequente era tentar induzi-lo a cometer um crime em suas palavras ou ações e depois condená-lo em um tribunal.

[“Saindo Jesus dali, passaram os escribas e fariseus a argui-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos, com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar.” - **Lc 11.53-54**]

Não podendo fazê-lo cometer um crime por meio de suas palavras, pois a inteligência e o autocontrole de Jesus o tornavam superior às armadilhas retóricas dos judeus, a única solução que restava era matá-lo.

[“Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara. Então, os principais sacerdotes e os fariseus convocaram o Sinédrio; e disseram: Que estamos fazendo, uma vez que este homem opera muitos sinais? Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão

não só o nosso lugar, mas a própria nação. Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação...

...Desde aquele dia, resolveram matá-lo.

... Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa? Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem.”- **Jo 11.46-57]**

Os judeus entregaram Jesus aos romanos, que o condenaram e crucificaram, silenciando o orador. No entanto, o seu espírito e ensinamentos permaneceram vivos nas mentes daqueles que o ouviram, tornando-se poderosos e ameaçadores para as autoridades religiosas. Por isso, houve a necessidade de tentar calar também os seus discípulos. Apesar disso, a mensagem de Jesus continuou se espalhando e influenciando muitas pessoas, o que explica o porquê de ainda falarmos dele até hoje.

[“Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!”- **Jo 20.19]**

Tramar contra a vida de Jesus não trouxe os efeitos esperados, pelo contrário, se ele ressuscitar, seu testemunho como o legítimo Filho de Deus se tornaria irrevogável, fazendo da tentativa de calá-lo de seus ensinamentos um trampolim para torná-lo mais visível e mais crível. E foi isso que aconteceu, Ele foi morto, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos e a sua morte profética seguida da sua ressurreição coroou o seu testemunho e fez com que chegasse até os dias de hoje.

[“E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos.

Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança.

Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.”- **Mt 28.11-15]**

- Os judeus queriam manter o controle
- O ensino fora do controle provocava ciúmes nos judeus
- Escandalizavam publicamente como ouvintes
- Debateram internamente sobre o que Jesus ensinava
- Tentaram pegá-lo em contradições para envergonhá-lo em público
- Ameaçaram os populares que criam em Jesus
- Ameaçaram os membros da autoridade que criam em Jesus
- Ameaçaram fisicamente a Jesus
- Ameaças intensas que o fizeram se afastar dos judeus
- Prepararam armadilhas para induzi-lo a um crime
- Decidiram matá-lo
- Ameaçaram os discípulos
- Tentaram apagar as evidências

## As três formas de iniciar as contendas.

Os embates travados entre Jesus e os judeus podem ser sintetizados em três formas: as reações naturais dos ouvintes, a provocação intencional dos judeus e as iniciativas intencionais de Jesus. Inicialmente os judeus o trataram como um pregador comum de seus dias, como João Batista ou um dos essênios. Era comum a existências de mestres itinerantes que peregrinavam entre as aldeias ensinando sobre a fé, tradição, cultura geral ou discursando sobre elementos da interpretação rabínica, a comunidade dos essênios foi muito conhecida nesse período como pregadores do deserto. Algumas pessoas até mesmo saíam se dizendo profetas, se fazendo de Messias e conseguiam alguns seguidores e arrecadavam donativos. Quando um pregador ou rabi itinerante, que não pertencia a elite dos judeus ou que não representava a classe dos rabinos conseguia arrebanhar muitos seguidores e ouvintes, chamava a atenção das autoridades, que passava a acompanhar o pregador para desmascará-lo com retóricas que o envergonhasse, ou na pior das hipóteses o ameaçava e ele partia.

No caso de Jesus, poderia ser apenas mais um caso desses profetas que seriam facilmente combatidos, mas os embates com ele somente mostraram que ele era o Messias, estava preparado para debater com os doutores da lei em sua própria tradição e escritos, sem ter ele nenhum preparo formal.

["Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas." – **Mt 7.28-29**]

- **Reações naturais dos ouvintes.**

As primeiras divergências entre Jesus e os judeus surgiram devido às suas reações naturais como ouvintes. A audiência de Jesus era composta por judeus que frequentavam as sinagogas e tinham interesse em pregadores que falassem sobre a tradição, a Lei de Moisés e os profetas. Jesus iniciou seu ministério frequentando as sinagogas ou ensinando em cidades tipicamente judaicas. Ao ensinar, era fácil perceber que ele não mantinha um compromisso com a tradição ou validava as interpretações rabínicas ao explicar a Lei de Moisés, os escritos ou os profetas.

["Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram?" – **Mt 15.12**]

- **Provocações dos judeus.**

A segunda forma de observar como o embate entre Jesus e os judeus se desenvolveu foi através da provocação por parte dos opositores. As reações naturais são as primeiras ações de um ouvinte, mas à medida que Jesus não se sentia amedrontado com a resistência da audiência, os judeus passaram a persegui-lo a fim de calá-lo. Nesse sentido, vários embates descritos nos evangelhos demonstram que os judeus tentavam provocá-lo intencionalmente.

["Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?" – **Mt 19.3**]

- **Iniciativas de Jesus.**

A terceira forma que agrupa várias narrativas sobre os embates entre Jesus e os judeus pode ser vista nas vezes em que Jesus tomou iniciativas para confrontar os judeus. Algumas vezes Jesus observou as ações dos judeus e usou isso como uma introdução para seu discurso, outras vezes ele ensinava de forma indireta, para que os judeus pudessem deduzir que ele estava falando deles, mas em algumas ocasiões ele os atacou diretamente. Essa forma deixa claro que Jesus tinha a intenção de contrapor o ensinamento dos judeus e provocar sua ira religiosa contra si.

["Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isto e o ridiculizavam. Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas

Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus.” – **Lc 16.14-15**]

[“Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas. Ai de vós, fariseus! Porque gostais da primeira cadeira nas sinagogas e das saudações nas praças.” – **Lc 11.42-43**]

- Os embates iniciaram por reações naturais dos ouvintes
- Os embates iniciaram por provocação dos judeus
- Os embates iniciaram por iniciativa de Jesus

### Os grupos que formavam a liderança religiosa.

Durante os dias de Jesus, Israel era governado pelos romanos. De 167 a 63 a.C., Israel viveu com certa autonomia política com os Macabeus, mas o Império Romano, aos poucos, foi se impondo, até que em 63 a.C., Pompeu (63-48 a.C.) invadiu e conquistou Jerusalém e iniciou a total dominação romana. Nesse tempo, os judeus estavam organizados para administrar religiosamente um sistema urbano baseado em suas leis. Essa organização não lhes dava autonomia política, mas despertava o interesse dos romanos em mantê-la, pois Roma não tinha interesse religioso ou cultural nos territórios do império.

- **O sinédrio.**

Diante da autoridade romana estava o Sinédrio (Sanhedrim), uma Suprema Corte que funcionava com base na lei dos judeus, e que visava administrar a justiça por meio da interpretação da lei oral e escrita. Segundo a história, o Sinédrio teve sua origem no período do domínio persa (V-IV a.C.), quando era composto por representantes da nobreza sacerdotal e das famílias mais notáveis. Após o retorno e reconstrução, o Sinédrio era chamado de Gerousia, que significa “Conselho dos Anciãos” (Senado) e era composto por setenta membros, sendo liderado pelo Sumo Sacerdote. Posteriormente, nos dias de Herodes II (63-40 a.C.), o Gerousia foi renomeado para Sinédrio, que significa "Assembleia Maior".

De acordo com o historiador Flávio Josefo, no início do reinado de Herodes o Grande, ele executou 45 membros do Sinédrio que tentavam impor limites ao seu poder e os substituiu por membros que eram favoráveis a ele. Isso pode explicar a corrupção do Sinédrio nos dias de Jesus, onde eles tomavam decisões em conluio com os romanos e foram deveras corruptos e agiam de forma injusta, especialmente em relação a Jesus.

[“E os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam.” – **Mc 14.55**]

[“Logo pela manhã, entraram em conselho os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio; e, amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos.” – **Mc 15.1**]

- **Anciãos.**

Junto ao sinédrio é mencionado nos evangelhos a presença dos anciãos. Esses homens exerciam certa autoridade sobre o povo e faziam parte da grande assembleia do sinédrio. Eles geralmente eram homens mais velhos que ocupavam uma posição social respeitável e por isso tinham voz ativa nas decisões administrativas dos judeus, representando o povo e prestando assistência aos sacerdotes.

[“Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados...” – **Mt 28.12**]

[“De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam:”- **Mt 27.41**]

- **Sacerdotes.**

Outro grupo de grande importância nos dias de Jesus era o dos sacerdotes, que exerciam autoridade sobre o povo. Eles eram ministros religiosos habilitados a conduzir as cerimônias e cultos sabáticos. Embora fossem numerosos, alguns sacerdotes desempenhavam funções mais importantes, criando uma hierarquia de liderança chamada de os principais sacerdotes, mas no topo dessa hierarquia estavam os sumos sacerdotes. O Novo Testamento menciona dois sumos sacerdotes, Anás e Caifás, que eram figuras importantes na religião e que também possuíam poder político, social e jurídico junto ao sinédrio.

[“E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas.” – **Mc 14.53**]

[“Então, os principais sacerdotes o acusavam de muitas coisas.” – **Mc 15.3**]

- **Os escribas.**

O quarto grupo mencionado nos evangelhos como parte da liderança religiosa dos judeus nos dias de Jesus são os escribas, também conhecidos como doutores da lei. Os escribas eram estudiosos que se dedicavam ao estudo dos escritos sagrados e formavam uma espécie de academia oficial dos estudos religiosos judaicos. Eles eram considerados autoridades na interpretação da lei para o povo judeu e desempenhavam um papel importante na transmissão e preservação da tradição religiosa.

Devido à sua formação na escola rabínica, os escribas eram altamente respeitados como estudiosos. Esse respeito também era utilizado em termos políticos, e por isso, nos evangelhos, eles são descritos como monopolizadores da interpretação, ensinando com base no senso comum e distorcendo a verdade para justificar a tradição ou as intenções dos líderes judeus.

[“Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem.”- **Mt 15.1-2**]

[“Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seu coração: Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?”- **Mc 2.6-7**]

- **Os fariseus.**

Os fariseus eram um grupo elitista entre os judeus, que se distinguia dos demais devido à sua religiosidade extrema e ao zelo pela tradição rabínica, bem como pelo estudo da Torá. O nome pode derivar do hebraico *Pharush*, que significa "separado", e pode estar relacionado ao separatismo, mas é mais provável que surja do termo hebraico *p'rushin*, da mesma raiz que *parash*, que está mais associado à interpretação.

Os fariseus eram ligados aos escribas, compartilhando o interesse na cultura elevada da religião judaica. Como seus membros ocupavam posições de prestígio na alta classe judaica, os fariseus eram influentes nas decisões políticas e religiosas do estado-colônia. Eles mantinham uma aparência elevada de piedade, sendo considerados modelos de religiosidade pelo povo, mas essa característica era frequentemente marcada por arrogância e soberba, pois se consideravam superiores.

[“Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.” – **Mc 7.1**]

[“E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.” – **Lc 15.2**]

- **Saduceus.**

Semelhantes aos fariseus, os saduceus também eram um grupo elitizado entre os judeus. Eles eram muito influentes e frequentemente discordavam dos fariseus em questões religiosas e políticas. O grupo era composto pelos homens mais ricos da sociedade, incluindo mercadores e sacerdotes. Eles mantinham um estudo das escrituras que divergia das interpretações da tradição dos escribas, especialmente em relação a alguns temas da lei de Moisés, sendo mais adeptos da interpretação literal. Apesar das diferenças com os fariseus e os escribas, os saduceus também se opuseram fortemente a João Batista e fizeram alianças na perseguição a Jesus para incriminá-lo.

[“Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.” – **Mc 7.1**]

[“Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho.” – **Mt 22.34**]

- **Herodianos.**

Embora pouco mencionados nos evangelhos, os herodianos tiveram um papel significativo na perseguição religiosa contra Jesus. Esse sétimo grupo religioso mencionado no Novo Testamento era composto por membros que tinham interesses políticos e religiosos. Eram chamados de herodianos porque apoiavam a dinastia de Herodes, que tentava romanizar todo o território na época. Esse grupo defendia uma aliança política entre os romanos e os interesses do judaísmo, o que os tornava impopulares entre as classes religiosas dos judeus. No entanto, como poderiam favorecer os em algumas ocasiões, especialmente no caso contra Jesus, fizeram alianças.

[“E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra.” – **Mc 12.13**]

[“Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.” – **Mc 3.6**]

- **O sinédrio era a suprema corte, a grande assembleia nas decisões**
- **Os anciãos eram os homens de idade e posição na sociedade**
- **Os sacerdotes eram os ministros religiosos, seguidos dos principais sacerdotes e abaixo do sumo sacerdote**
- **Os escribas eram a classe dos estudiosos formais. Os doutores da lei.**
- **Os fariseus eram um grupo rigoroso com a tradição e elitizado dentre os judeus.**
- **Os saduceus eram um grupo formado pela alta classe dos judeus.**
- **Os herodianos eram um grupo de interesse político e religioso.**

<i>Os embates com os religiosos</i>		
1	Jesus confronta os fariseus quando João batizava	Mt 3.7-10
2	Os escribas se escandalizaram por ele perdoar pecados	Mt 9.1-7 / Mc 2.6-12 / Lc 5.17-26
3	Fariseus se escandalizam porque ele come com pecadores (cobradores de impostos)	Mt 9.10-13 / Mc 2.15-17 / Lc 5.29-31
4	Fariseus o questionam sobre o sábado	Mt 12.2-8 / Mc 2.23-28 / Lc 6.1-5
5	Doutores da lei e fariseus são calados sobre o curar no sábado	Mt 12.9-14 / Mc 3.1-6 / Lc 6.6-11; 14.1-6
6	Escribas e fariseus pedem um sinal	Mt 12.38-45
7	Fariseus e escribas questionam sobre os discípulos não seguirem a tradição	Mt 15.1-20 / Mc 7.1-23
8	Fariseus e saduceus pedem que ele faça um sinal (segunda vez)	Mt 16.1-12 / Mc 8.11-21

9	Fariseus o questionam sobre o divórcio na lei de Moisés	Mt 19.3-12 / Mc 9.2-12
10	Escribas e sacerdotes condenam o louvor das crianças	Mt 21.15-17
11	Sacerdotes e anciãos o questionam sobre sua autoridade	Mt 21.23-22.14 / Mc 11.27-33 / Lc 20.1-8
12	Fariseus se juntam com herodianos para o testar sobre os tributos a Cesar	Mt 22.15-22 / Mc 12.13-17
13	Saduceus o questionam sobre a ressurreição dos mortos	Mt 22.23-33 / Mc 12.18-27 / Lc 20.27-40
14	Um doutor da lei depois da reunião dos fariseus o interrogou sobre o grande mandamento	Mt 22.34-40 / Mc 12.28-34
15	Jesus interroga os fariseus sobre o que pensam dele	Mt 22.41-46
16	Jesus provoca os escribas e fariseus em discurso	Mt 23
17	O debate na inquisição do sumo-sacerdote Anás	Mt 26.57-68 / Mc 14.55-65 / Jo 18.19-24
18	Disputa diante de Pilatos sobre a condenação	Mt 27.11-25 / Mc 15.1-15 / Lc 23.1-7 / Jo 19.6-16
19	Fariseus e doutores da lei o questionam sobre comer sem lavar	Lc 11.37-54
20	Fariseus escandalizados porque Jesus recebe pecadores	Lc 15.1-16.13
21	Fariseus por serem avarentos zombavam dele por causa da parábola sobre um homem rico	Lc 16.14-18
22	Os fariseus interrogam sobre a vinda do reino de Deus	Lc 17.20-14
23	Fariseus pedem que Jesus repreenda os discípulos por o louvarem	Lc 19.37-44
24	Jesus purifica o templo e os Judeus cobram um sinal	Jo 2.13-22
25	Os judeus se irritaram por ter curado no sábado e afirmado que Deus era seu pai	Jo 5.16-47
26	Os judeus questionam seu ensino e o ameaçam de morte	Jo 7.9-19
27	Fariseus queriam prendê-lo e enviaram guardas	Jo 7.32-53
28	Os judeus levam uma adúltera na tentativa de contrariar Jesus com a Lei de Moisés	Jo 8.1-11
29	Os judeus se opõem ao seu testemunho	Jo 8.12-30
30	Judeus se irritam e decidem o apedrejar porque Jesus disse que são falsos filhos	Jo 8.31-59
31	Os fariseus ficaram bravos porque Jesus os chamou de pecadores na ocasião da cura do cego	Jo 9.35-41
32	Jesus escandalizou e chamou os judeus de mercenários (parábola do pastor)	Jo 10.19-20
33	Perguntaram se ele era o Cristo na festa da dedicação.	Jo 10.24-31
34	A prisão e as ameaças pela escolta do sumo-sacerdote	Jo 18.2-11